

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PUCRS (DOUTORADO)

Instituto de Letras e Artes

- Teoria da Literatura
- Lingüística Aplicada

*Credenciado pelo Parecer nº 639/93 do C.F.E. de 07/10/93

Informações: ILA - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3176

ERICO VERISSIMO E A VIDA LITERÁRIA BRASILEIRA

Maria da Glória Bordini
PUCRS

A atuação de Erico Verissimo no sistema da cultura brasileira se traduz sobretudo por sua atividade criativa, como romancista, mas igualmente por sua longa experiência como editor ao lado de Henrique Bertaso, na Editora Globo. Por outro lado, poucos conhecem as iniciativas de Erico como agente cultural, tanto no Brasil como no exterior, no âmbito da vida literária. Além de mentor de muitos jovens escritores, preocupado igualmente com a formação de novos setores do público para a literatura, Erico foi um diligente representante do País nos Estados Unidos e na América Latina, tanto no início de sua carreira literária, na década de 40, durante suas duas viagens aos Estados Unidos, quanto na década de 50, quando dirigiu o Departamento Cultural da Organização dos Estados Americanos. Para além dessa atividade de difusão da literatura e da cultura no País e no exterior, ele foi sobretudo um lutador pela causa das liberdades fundamentais, com ênfase no direito à livre expressão, uma voz que nunca hesitou em se erguer diante da violência praticada contra seres humanos ou suas obras.

A documentação pertencente ao ALEV – Acervo Literário de Erico Verissimo permite delinear um perfil confiável dessa atuação político-cultural. O ALEV, cuja organização foi iniciada em 1982, num esforço conjunto dos herdeiros do Autor e do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, nos seus mais de 7.000 itens arquivados e já disponíveis para consulta, oferece farta documentação para um estudo dessa ordem. Os primeiros passos para a pesquisa seriam consultar os fichários das quinze classes de documentos que o constituem e selecionar aquelas pertinentes ao tema a ser desenvolvido. Essas classes seriam a 02 – Correspondência, a 03 – Publicações na Imprensa, a 06 – Documentos Audiovisuais; a 07 – Memorabilia; a 12 – História Editorial e a 14 – Vida.

Selecionadas as classes, poder-se-iam consultar por acesso eletrônico, através do índice de assuntos do Catálogo Geral do Banco de Dados do ALEV no Projeto Integrado Fontes da Literatura Brasileira, as fichas dos itens relacionados com o tema "atuação cultural". Todavia, como nem todas as fichas estão informatizadas, por enquanto o melhor caminho seria recorrer aos fichários na sede do ALEV, que se situa na residência dos Verissimo, à rua Felipe de Oliveira, 1415, em Porto Alegre, RS, e examinar as fichas das categorias pertinentes. Na classe 02 – Correspondência, caberia consultar as fichas de Correspondência remetida por Erico Verissimo

(02a) e a Erico Verissimo (02b), no mínimo. Existem cartas a iniciantes, de aconselhamento, cartas a instituições editoriais e a escritores, de estímulo, e cartas de diversos autores, profissionais da cultura e professores registrando o intercâmbio de idéias e projetos. Na classe 03 – Publicações na Imprensa, seria útil consultar as categorias 03e – Sobre Erico Verissimo, em português, 03d – Sobre Erico Verissimo, em língua estrangeira, 03 – Entrevistas, em português e 03f – Entrevistas, em língua estrangeira. Nos recortes de imprensa, seja nos depoimentos de Erico ou nas reportagens sobre suas atividades e resenhas de sua obra aparecem dados pertinentes ao que ele realizou pela cultura nacional. Na classe 06 – Documentos Audiovisuais, se deveriam procurar as categorias 06a – Fotografias de Erico Verissimo e 06b – Fotografias relacionadas a Erico Verissimo, as quais documentam suas relações com escritores, editores e autoridades educacionais, culturais e governamentais no País e no exterior. Na classe 07 – Memorbilia, as categorias passíveis de consulta seriam a 07b – Honorarias, a 07e – Registro de homenagens oficiais e 07f – Registros de homenagens particulares. Nessa classe, itens como diplomas ou placas, bem como discursos de políticos documentam a repercussão das iniciativas de Erico em prol da cultura brasileira. Na classe 12 – História Editorial, as categorias 12h – Contratos, 12i – Prestações de Contas e 12j – Tiragens e Estatísticas ajudam a estabelecer a extensão de sua imagem como literato no Brasil e no estrangeiro. Na classe 14 – Vida, a categoria a ser pesquisada seria a 14c – Comprovantes de Atividades Profissionais e a 14d – Comprovantes de Atividades Culturais. Aqui se encontram documentos relativos ao período de seu trabalho na OEA, bem como junto a universidades norte-americanas e a entidades culturais de Portugal.

Talvez o documento mais significativo desse trabalho de agenciamento cultural no exterior seja o ensaio intitulado *Brazilian Literature*; an outline, que Erico escreveu diretamente em inglês e foi publicado apenas nos Estados Unidos, em 1945, pela Macmillan. Trata-se de uma breve história da literatura brasileira, resultante dos cursos abertos que ele ministrou na Universidade da Califórnia em Berkeley para estudantes e membros da comunidade. Afora a absoluta raridade dessa história, que abrange desde a literatura colonial até a Geração de 45 e é a única produzida por um escritor brasileiro moderno, vale salientar seu caráter não acadêmico, voltado para um público leigo, sua linguagem narrativa cativante, a perspicácia e acerto histórico de suas avaliações críticas. Além de situar os períodos da literatura nacional dentro do contexto maior da cultura e história ocidental, efetuando ligações intertextuais entre escritores brasileiros e estrangeiros, Erico demonstra ter lido diretamente as obras comentadas e não esconde a subjetividade de seus juízos, o que permite extrair-se desse trabalho não só informações sobre a literatura brasileira de um ângulo pouco canônico, mas um perfil do próprio escritor enquanto leitor crítico da literatura, difundindo-a segundo as necessidades do momento que vivia, em plena Segunda Grande Guerra, a um público nem sempre bem disposto em relação ao preguiçoso gigante deitado em berço esplêndido da América Latina.

Para exemplificar a fertilidade dos documentos acima referidos para a fundamentação do tema da participação de Verissimo na vida cultural brasileira, veja-se como se configura nos dados concretos de testemunhas da História a conhecida opção de Erico pela defesa das liberdades fundamentais e da liberdade de opinião acima de tudo, pois esta fere diretamente a atividade literária. Busque-se o item 07e0050-76, da Memorbilia, onde se lê, no discurso de abertura do Presidente João Carlos Gastal, na Sessão de Homenagem Póstuma a Erico Verissimo da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, no dia 24 de junho de 1976: "Coubemos a honra, que retribuimos neste momento, de receber a sua adesão incondicional ao processo de luta pelo aperfeiçoamento das instituições, comprometida com os ideais democráticos e libertários que sustentava, fazendo a demonstração, com esse gesto, da coerência das suas concepções: as idéias devem não só ser cultivadas, mas também defendidas. Erico Verissimo o fez num momento em que a passividade e o interesse pessoal do resguardo seriam melhor recomendação para o alheio e para o indiferente: ele soube fazê-lo no momento difícil da necessidade" (p. 10). No mesmo item, diz emocionado o proponente da homenagem, deputado Algir Lorenzon, do então MDB: "A sua crença na liberdade foi garantia e alicerce da posição que já lhe era publicamente reconhecida como um dos vultos eminentes do pensamento humanista no Brasil contemporâneo. / Creio que ela residia na própria raiz da sua missão de escritor; creio que ela o orientou quando representou por longos anos o seu país na Secretaria Cultural da Organização dos Estados Americanos; creio que foi em função dela que – em 1973 – atribuíram-lhe o mais alto laurel da cultura brasileira, o 'Prêmio Moinho Santista'; creio, ainda mais, que esta é a razão básica pela qual os seus livros esgotavam sucessivamente edições sobre edições, garantindo-lhe a amplitude da receptividade popular" (p. 17).

Note-se nesses dois depoimentos as evidências de que Erico soube agir quando todos temiam sequer pensar – no auge da ditadura militar de 64 – não apenas como homem político responsável, mas como escritor comprometido com a causa da cultura. Nos dois pronunciamentos percebe-se que o ousar falar em liberdade não se desvincula do escrever em liberdade – e essa é a posição mais constante ao longo da carreira de Erico: a de usar responsabilmente sua arte de escritor para dar voz àqueles que foram calados a força.

Caso se deseje cotejar essa avaliação política com a de um oponente da ARENA, eis o que se lê no item 07c 0312-76, em outro discurso, desta vez proferido na Câmara dos Deputados em Brasília, na sessão de 11 de junho de 1976, pelo Deputado Célio Marques Fernandes: "À frente do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana é o mesmo homem bom, mas firme e resolutivo que expunha e defendia suas idéias de liberdade e respeito mútuo. Recordo suas palavras, numa conferência no Panamá: 'Na minha opinião, não basta salvar hoje estas crianças da doença, da miséria e da morte. É preciso fazer tudo que esteja ao nosso alcance para que amanhã, homens feitos, elas não sejam mandadas para o matadouro dessas nossas guerras brutais e insensatas'. Para a União ele foi,

em 1953, substituindo Alceu de Amoroso Lima. Nosso chanceler, João Neves da Fontoura, queria que o Brasil tivesse nos Estados Unidos alguém capaz de dar cursos de nossa literatura nas universidades daquele país. Erico hesitaria muito em voltar à grande nação do Norte [...]. A atividade desenvolvida na organização foi notável. Não somente contam os congressos e conferências interamericanos como seu singular desempenho junto a centros acadêmicos dos Estados Unidos e de outros países. Isto envolvia sua presença, nos quatro cantos do âmbito da organização, seja um discurso em Porto Rico, a discussão conjunta de um projeto com a UNESCO ou uma conferência sobre Machado de Assis, na Universidade de Harvard. [...] Homem condescendente e boníssimo, um dia, porém, em Caracas, abandonou a fila de delegados a uma conferência de ministros para não apertar a mão do ditador Perez Jimenez. Muitas vezes, também, teve de aplicar seu veto a projetos estapafúrdios, que não estavam à altura do gabarito que ele imaginava para as promoções de seu Departamento" (p. 6-7).

Embora Marques Fernandes ligue as atitudes desassombradas de Erico a uma excepcional bondade de caráter, como se uma espécie de santidade cristã impelisse o escritor a não compactuar com a violência política e o oportunismo intelectual, extrai-se dessa fala de um homem que teve oportunidades de privar com Erico não só a confirmação das opiniões que deste faziam os emedebistas mas igualmente um retrato de sua atuação cultural no exterior que deve ter sido obtido em conversas com o escritor, pois não constam em outro lugar.

A persistência da ação cultural de Erico, no sentido de assegurar espaços livres para que a literatura pudesse exercer sua função de representação do mundo e da sociedade sem restrições ideológicas, se mede também pela intransigência com que sempre reagiu a tentativas de cerceamento da palavra. No item 02a0188-65 pode-se avaliar a amplitude desse compromisso. Trata-se de uma carta de Erico ao Ministro da Justiça do governo Castello Branco, Juracy Magalhães, no início da ditadura militar, datada de Washington, 20 de novembro de 1965. Nela, Erico informa que esteve na Cornell University, em Ithaca, fazendo conferências sobre o Brasil, sua história e seu povo e relata que testemunhou uma manifestação de estudantes contra a participação dos Estados Unidos no Vietnam e um piquete de uma centena de pessoas de cor diante da Embaixada da Grã-Bretanha, protestando contra a atitude inglesa em relação à independência da Rodésia – tudo isso sob a proteção da polícia. O preâmbulo introduz a razão da carta: trata-se de uma defesa da liberdade de opinião. Diz ele ao Min. Magalhães: "[...] sinto-me no dever de apresentar a V. Exa. o meu protesto de velho liberal contra a prisão dos escritores brasileiros que, por ocasião da Conferência da OEA no Rio de Janeiro, fizeram uma demonstração de protesto contra a nossa atual forma de governo. Quero crer que o voto de nossa delegação junto à ONU contra a admissão da China comunista àquela organização internacional tenha simbolizado o repúdio do Brasil aos governos de força, tão alheios ao espírito e à tradição da gente brasileira. / Se V. Exa. ponderar que aqueles oito intelectuais não repre-

sentam a opinião do nosso povo, eu lhe replicarei que esse povo também não foi consultado sobre o sistema de governo que resultou do Segundo Ato Institucional. / Não duvido da honestidade e das boas intenções do Exmo. Sr. Presidente da República no seu empenho de livrar o Brasil da corrupção e do caos, e de promover seu desenvolvimento econômico e social. Lamento, porém, e com profunda decepção e tristeza que, para 'salvar a democracia' o atual governo tenha achado indispensável agredir de maneira tão brutal as liberdades civis e os direitos humanos".

Muitos, à época de Erico, não entenderam por que ele repetidamente se sentia compelido a tomar posição ao lado das liberdades fundamentais, contra ditaduras distantes e próximas, se lhes parecia que o escritor demonstrava forte inclinação para o *American way of life*, que pasteurizava toda ação criativa e revolucionária. Especialmente durante a Segunda Grande Guerra, à época do macartismo, pronunciar-se a favor dos americanos era um pesadelo para as esquerdas. Erico incorria seguido nessas heresias, o que suscitava a indignação de jornalistas e intelectuais. Poucos conseguiram aceitar a idéia de que um artista possa situar-se para além dos partidarismos. Quando ele recusava uma das inúmeras causas da esquerda de então, a grita era geral. Esta carta, endereçada ao membro do Partido Comunista e escritor Júlio Teixeira, em 7 de abril de 1949, que constitui o item 02e0355-49 do ALEV, documenta o ambiente de desagrado suscitado por um gesto de independência, um de tantos que Erico manifestou durante sua carreira. Indicia, igualmente, o acervo das avaliações do escritor quanto à possibilidade de manipulação política de atitudes assumidas por intelectuais simpáticos a causas humanistas sem o respaldo de uma análise ideológica menos ingênua. Entremeadas a uma lúcida exposição dos meandros da recém instalada Guerra Fria, expressa ele a Júlio Teixeira sua tomada de decisão num momento particularmente difícil no meio intelectual brasileiro, mergulhado no rescaldo dos horrores da guerra e no fortalecimento do Estado Novo: "Aqui estou para esclarecer definitivamente minha posição no que se refere aos 'congressos de paz'. Creio que nas conversações que mantivemos nestes últimos dias não consegui dar-te uma idéia clara de minha maneira de ver o problema. / Subscrevi – e não me arrependo disso – o grande manifesto que encareira a necessidade dum congresso mundial em prol da paz, mas cedo compreendi – e à medida que o tempo e os acontecimentos passam essa compreensão se faz cada vez mais profunda – que esse movimento pacifista nada mais é do que um instrumento da política externa da Rússia. / [...] Minha posição, meu caro, é muito difícil. Como velho pacifista não posso negar meu apoio a um movimento sincero em prol da paz. Como socialista não quero nem pretendo servir à reação e ao fascismo. Mas como democrata me repugna também servir como instrumento da política de Moscou. O mundo burguês está podre. Mas o mundo bolchevista que nasceu em meio a tantas promessas e esperanças já se deteriorou. Um estado totalitário como a União Soviética, que dirige não só a economia como também a arte, a ciência e a literatura com uma mão de ferro – é a última coisa que um homem de meu temperamento pode desejar. / Tu sabes que nunca tive medo da palavra comunista.

Sempre achei que no Brasil o PC era um partido útil, pois servia como elemento controlador e não entrava nos conchavos que são a desgraça de nossa ridícula política nacional. Protestei publicamente contra o fechamento do partido de Prestes e contra a cassação dos mandatos de seus representantes. Por outro lado, nunca deixei de manifestar meu repúdio pelo grupo imperialista dos Estados Unidos. / [...] [Quanto aos congressos] quero deixar bem clara a minha posição. Não desejo em absoluto tomar parte, quer física quer moralmente, neles porque estou convencido de que os poucos pacifistas apolíticos e sinceros que comparecerem a eles serão fatalmente esmagados pela imensa maioria comunista que fará dessas reuniões internacionais uma arma dirigida principalmente contra os Estados Unidos. / [...] Não sou o que os comunistas poderiam chamar de pequeno burguês indeciso [...] Sou antes, um homem que nessa luta entre dois imperialismos prefere ficar equidistante da Casa Branca e do Krêmlin. Não é uma posição cômoda e não será uma posição prática. Mas é a minha posição e eu tenho de proceder dum modo coerente com ela..."

Esses poucos recortes de itens documentais do ALEV são suficientes para comprovar, enquanto fontes diretas de informação, aqueles aspectos da vida pública de Erico que não vieram à tona na imprensa e que, na sua discrição e respeito humano, Erico não trouxe à luz, nem em suas memórias. Tais dados demonstram que a existência de matéria documental preservada pode iluminar atitudes historicamente incompreendidas assim como preencher lacunas na trajetória intelectual de um escritor que de outro modo ficariam em aberto. Para o caso escolhido, proporcionam, além de tudo, algumas evidências a mais para pensar-se no significado da liberdade no que tange à vida literária do País e sua produtividade. Em épocas como as de hoje, em que os brasileiros começam a lamentar a mudança de regime da ditadura para a democracia, nunca é demais lembrar que a cultura não floresce em carros blindados e que os países involuem quando amordaçam as vozes discordantes.